

A oportunidade de Sarney

Em qualquer país democrático, José Sarney, investido na condição de presidente da República, teria a obrigação e o direito de aproveitar a próxima reunião ministerial para levar ao conhecimento do povo brasileiro a trágica herança do regime militar, traduzida em situação absolutamente falimentar do Tesouro Nacional. Os compromissos de Tancredo com o "ancien régime" impedem que Sarney exiba os dados demonstrativos dessa cruel falência do País.

Isso é compreensível, tendo em vista que foi o preço da transição. Mas Sarney precisa conquistar apoio político para administrar a situação calamitosa que lhe foi transferida. O saldo desses 21 anos está aí, entrando pelos olhos adentro — inflação que ameaça ir aos 300 por cento, o Tesouro raspado pela ação voraz de Delfim Netto e seus "boys" e uma situação social explosiva, além de uma dívida externa que pode agravar intoleravelmente as condições internas, se não merecer tratamento político adequado aos interesses do País.

Sarney precisa urgentemente de apoio político e apoio popular. Apoio político, ele tem competência para negociar; mas este de pouco lhe serviria se não viesse acompanhado de compreensão e apoio popular. Sarney terá que fazer algumas aberturas sociais para conquistar compreensão e apoio da maioria sofrida da população. Para isso, é necessário formular um pacto social do qual tanto falou o presidente Tancredo Neves, para vencer esta emergência.

Líderes sindicais dos empresários e dos trabalhadores já manifestaram boa vontade em concertar esse acordo. Sarney teria que propor algumas medidas sociais significativas para interessar os trabalhadores e, ao mesmo tempo, alinhar a atitude que deles esperaria; teria que exigir dos empresários compreensão, o que importaria em um acordo de cavalheiros para evitar a ação especulativa, principalmente no campo das coisas essenciais — como alimentos, remédios e transporte. Um pacto que lhe daria trégua para enfrentar a caótica situação econômico-financeira, dando-lhe condições para um combate eficaz à doença inflacionária.

Os cofres estão raspados, mas é preciso arranjar alguns trilhões, seja de onde for, para um plano de emergência em alguns setores básicos, como saúde, alimentação, educação e transporte. O País tem oito milhões de desempregados e não pode ignorar a grande massa dos deserdados de sempre. Só um programa ousado poderá conferir ao Presidente da República autoridade para impor a trégua necessária ao aviamento de receita capaz de superar a fase aguda da crise.

Quanto à herança que nos legou o regime militar, esta terá que aparecer algum dia, em toda a sua extensão, aos olhos do povo, para que tenhamos uma idéia clara a respeito do que custou a algumas gerações o projeto megalomaniaco de desenvolvimento posto em prática depois de 1964. É possível que no dia 8 de maio, quando estará no plenário da Câmara, o ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, revele alguns elementos para mostrar a extensão do fardo recebido.

Enquanto isso, Sarney precisa ampliar sua base de sustentação política, segundo opinião generalizada no Congresso, e atrair para o governo confiabilidade e compreensão da parte do povo brasileiro. Sem aberturas à sua esquerda, Sarney não terá condições de lograr tanto. Ele vive o grande momento histórico de sua carreira.

O social ganha relevância hoje no Brasil justamente por ter sido relegado a plano secundário durante os últimos 21 anos. É preciso que o Governo da Nova República estabeleça certo grau de prioridade para os problemas da maioria marginalizada da população. Ou não ganhará apoio e nem respeito.

EMPREITEIRO DA TRAIÇÃO

O deputado Roberto Cardoso Alves (SP), secretário da Executiva Nacional do PMDB, ganhou aplausos dos malufistas no restaurante do Senado, quando chamou o deputado paulista (ex-malufista) José Camargo de empreiteiro da traição. O senador Alexandre Costa e o deputado Ribamar Machado fizeram questão de cumprimentá-lo.

Camargo era do antigo MDB, pulou para o PDS e para as graças de Figueiredo apoiou Andreazza, depois Maluf e agora resolveu aderir à Frente Liberal.

TARCISIO HOLANDA